

Festa dos bichos

Zoológico de Salvador faz 50 anos e recebe ex-funcionários em evento que conta a história do lugar

Katherine Funke

“**C**heguei aqui em 15 de janeiro de 1956”, declara o homem idoso, com espírito franco e divertido, na porta da administração do Jardim Zoológico de Salvador. Joselito Ramos foi tratador de animais no lugar durante 36 anos, numa época bem diferente de hoje. O zoológico, o tempo e a vida de seu Joselito mudaram. Ontem, ele esteve no antigo local de trabalho para recordar sua trajetória e conversar com os ex-colegas, na mesa-redonda sobre a história do zôo, evento integrante da Semana do Meio Ambiente, promovida pelo Centro de Recursos Ambientais (CRA).

Esse ano, o zôo faz 50 anos de vida. Para uma ocasião tão importante, Ramos colocou até roupa social. “Eu só ando de bermuda, chinelo e sem camisa”, explica, um tanto constrangido com as formalidades do encontro. Lá, tudo estava arrumado para reunir as pessoas que faziam o zoológico de antigamente, co-



Animais do zôo são personagens da lista de 'causos' contados pelos antigos diretores e empregados para recordar a trajetória do lugar

mo os ex-diretores Luís Antônio Saraiva, Walter Macieira Freire, Antônio Amâncio, Clóvis Franco e José Augusto Gaspar de Gouveia.

Cada um com suas lembranças. Quem se lembra da onça Peteleca? Aquela que fugiu do zoológico e ficou 56 dias fora da jaula, solta pela cidade? Aconteceu em 1972. Peteleca fez sucesso, saía no jornal, era figura procurada por aí. Mas acabou sendo morta, não teve jeito, afinal, onça suquarana é perigosa. Foi capturada durante a gestão de Clóvis Franco, próximo ao

Shopping Barra, que ainda não existia.

De tão famosa que ficou, elegeram a Peteleca vereadora, conta o antigo diretor Franco, com um sorriso irônico. Poucos minutos antes, ele olhava pensativo para a estrutura do zoológico. Depois de uma pausa no pensamento, falou: “Tudo isso era barro puro”. Na sua gestão, foram construídas vias de circulação, os prédios, e a portaria foi reestruturada. “Eu ainda me lembro que aqui era um buracão”, diz, olhando para uma vala de drenagem. Uma vala que não

diz nada para os outros, mas que para ele simboliza a vitória das edificações que até hoje integram o zôo.

E o urubu Alicate? Ele era livre e no final do dia acompanhava o tratador de animais até o ponto de ônibus, depois voltava. Ninguém se esquece também da macaca Sogra, uma chimpanzé muito querida e carinhosa, que estava entre os animais fundadores do zôo. Os bichos mais antigos do zôo ainda em exposição são as aves mutum-cavalo e jacuaçu, as tartarugas da Amazônia e o macaco-prego-de-

peito-amarelo Rato, filho de Pretinha, uma das macacas que atingiram mais anos de vida no Brasil: 49 anos.

História - Na época de Joselito não tinha girafa e nem hipopótamo. Passeava de mula por entre os animais o engenheiro agrônomo Gratulino Melo, responsável pelo centro criador de mudas de coqueiro e das primeiras tentativas de plantar árvores exóticas no Campo de Experimentação Agrícola, que funcionava no local, a partir da segunda década do século passado.

Quem lembrou de Melo foi

o historiador Cid Teixeira, que também esteve no zôo para lembrar da história anterior à implantação do jardim em Salvador. “Eu não seria louco de falar sobre o zoológico diante dos ex-diretores, sob o risco de ser enjaulado aqui”, brinca o historiador. Segundo Teixeira, o Palácio de Ondina, residência do governador que fica ao lado do zoológico, era inicialmente a casa de Melo, que de tão apaixonado pelo seu viveiro de mudas, se transferiu para perto delas. Depois, foram anexados à construção original outras estruturas.